



www.lettras.ufscar.br/linguasagem

AS QUEIMADAS E O FILHO DO SOL

Irene Zanette de Castañeda*

O nosso querido Brasil está ardendo em chamas. Há queimadas por toda parte. As florestas, os campos, as matas e os malditos canaviais foram incendiados. Por que não fazer os carros funcionarem à energia solar? As cidades estão arrasadas com a fumaça e o cheiro de queimado. O verde? Desapareceu. As árvores choram lágrimas quentes de dor. Mãos humanas ateiaram fogo, sem compaixão. Acabou-se aquele verde primaveril. Morreram aquelas florestas encantadas, virginais, selvagens cheias de bichos. Os pássaros de todos os tipos cantavam naquele antigo azul anil. Ah! Tristes pedaços da Bandeira do Brasil! Quase tudo desapareceu. Há seca por toda parte. A terra virou pó, “sojais”, milharais para, provavelmente, para alimentar cavalos internacionais. Onde ficou a agricultura familiar nos sítios e grandes quintais? Nenhuma semente nascerá mais no seu seio hoje infértil por causa dos canaviais. Quase não há mais água pura para se beber. As chuvas desapareceram. Evaporaram e deram adeus aos homens que não se dão conta porque tudo aconteceu. Deixaram a terra triste e o céu se aborreceu. As flores já não enfeitam os altares dos anjos e santos, irmãos meus. Os rios estão secando, os peixes morrendo de sede. Que desolação! Quanta gente em hospitais sofrendo de falta de ar! Onde está aquele ar úmido com um ventinho suave nos dando saúde, acariciando nossa pele? Ninguém percebe as mudanças climáticas e o aquecimento global? Parece que este mundo enlouqueceu. Mas como e por que tudo isso aconteceu?” Diz o mito grego que Faetonte era um jovem muito bonito que vivia só com sua mãe humana. Nascera fora do casamento. Um dia perguntou-lhe quem era seu pai. O Sol, disse sua mãe. Ele não acreditou. Queria provas. Verificar se eram verdadeiras as palavras de sua mãe. Correu até o palácio de ouro da grande luz e, sem cerimônia, pediu para dirigir o carro do Sol pelos céus. O pai constrangido, perante o tão querido filho de um amor que nunca anoiteceu, não te

ve saída. Cedeu, mas alertando para o perigo de sua própria destruição. Pediu ao filho que segurasse bem forte as rédeas e que não deixasse os cavalos perceberem que o cocheiro não tinha experiência na direção, que não os chicoteasse, nem desviasse do caminho certo. O filho não quis ouvir conselhos. E a Aurora já estava abrindo os portões do céu. Destemido, corajoso, arreou os cavalos, alinhou a carruagem. Puxou, com muita violência, as rédeas. Os cavalos abriram as asas e pelo espaço celestial voou Faetonte bem alto, muito feliz. Tinha sonhos de grandeza, da realeza que seu pai podia lhe oferecer. Era gostoso ser deus. Porém, os cavalos perceberam: o carro estava leve, não havia firmeza nas mãos do condutor. Saíram da rota, galopavam muito rápido para cima e para baixo. Quando desciam, a terra incendiava, outras vezes, no mais alto, o céu queimava. Arrependido por não escutar os conselhos do pai, ficou imóvel, enquanto a terra era um inferno em chamas. Florestas avermelhadas. Cidades em cinzas. Rios secos. Subiram até os vapores dos mares. O caos se restabeleceu. Júpiter, vendo tamanha desordem, lançou um raio sobre Faetonte que o partiu em mil pedaços transformando-o em estrela cadente. O Sol que não apareceu por bom tempo, deixou as chuvas inundarem a terra para apagarem os incêndios que seu filho rebelde promoveu. Em verdade, tudo isso aconteceu porque um homem se colocou no lugar de Deus.

*

* A autora é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e poetisa.

Recebido em: 15 de agosto de 2010.

Aceito em: 30 de agosto de 2010.